

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 13): Gênesis Tirou Emprestado os Mitos Babilônicos?

Seção 09 / Aula 13

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 07/06/2026, 09:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: May 8, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Enuma Elish e os sete paralelos propostos

Vimos em nosso estudo de Miller e Soden do livro *In the Beginning We Misunderstood* que eles corretamente desconsideram a importância e a influência dos mitos mesopotâmicos sobre a narrativa da criação de Gênesis. Eles pensam que mitos egípcios estão refletidos em Gênesis 1, mas vimos que esse argumento, penso eu, é exagerado. Quero, porém, dizer algo hoje sobre os mitos mesopotâmicos e por que os estudiosos pensam que estes não são uma influência significativa sobre a narrativa da criação de Gênesis. Penso que isto é importante não apenas por uma questão de completude, mas também porque com frequência ainda se encontram (especialmente no nível popular) pessoas dizendo que Gênesis 1 está tomando emprestado de antigos mitos babilônicos da criação, particularmente o mito chamado Enuma Elish. As palavras Enuma Elish são simplesmente as primeiras palavras em acádio deste poema épico babilônico. Isto foi chamado no passado de Gênesis Babilônico por causa de seu relato da criação.

A história, ou o poema, fala do deus Marduk que se torna ascendente sobre os outros deuses – o chefe do Panteão Babilônico – ao derrotar e destruir a deusa Tiamat que às vezes é retratada no mito como uma deusa (mulher) ou, outras vezes, aparentemente como um dragão.

Permitam-me apenas ler para vocês as linhas iniciais do Enuma Elish: "Quando os céus acima ainda não tinham sido nomeados Nem a terra abaixo pronunciada por nome, Apsu, o primeiro, o gerador deles, E a criadora Tiamat, que os gerou todos, Tinham misturado suas águas, Mas não tinham formado pastagens, nem descoberto canaviais; Quando ainda nenhum deus era manifesto, Nem nomes pronunciados, nem destinos decretados, Então deuses nasceram dentro deles. Lahmu e Lahamu surgiram, seus nomes pronunciados." Aqui ele descreve esta condição primordial na qual a deusa Tiamat e o deus Apsu misturaram suas águas juntos, o que provavelmente é uma metáfora para relações sexuais porque Tiamat então, como resultado desta mistura com Apsu, dá à luz os deuses que são nomeados no épico. A história então conta como o deus Marduk batalha contra Tiamat, mata-a, e então cria o mundo a partir de sua carcaça.

Como eu digo, a maioria dos estudiosos hoje, em contraste com gerações passadas, diria que Gênesis 1 não exhibe a influência deste mito, mas vocês encontrarão ocasionalmente estudiosos que afirmam o contrário. Por exemplo Peter Enns em seu livro *The Evolution of Adam*, publicado tão recentemente quanto 2012, diz que há um número considerável de semelhanças comumente aceitas (em suas palavras) entre Gênesis 1 e o épico babilônico. Uma posição

semelhante é assumida pelo estudioso bíblico Kenton Sparks no livro *Genesis: History, Fiction, or Neither?* publicado em 2015. Assim, mesmo em anos recentes ainda há alguns estudiosos que estão afirmando que Gênesis 1 tem semelhança significativa com o *Enuma Elish*. Aqui está a lista de sete semelhanças que Peter Enns apresenta. Eu gostaria de percorrê-las com vocês nesta manhã. Número um, ele afirma que em ambos os relatos a matéria existe independentemente do espírito divino. Em segundo lugar, em ambos os relatos as trevas precedem a criação. Em terceiro lugar, na narrativa de Gênesis, a palavra hebraica *tehom* (que é a palavra hebraica para “abismo”) é linguisticamente relacionada, ele diz, à palavra babilônica *Tiamat*.

Assim, *tehom* e *Tiamat* são linguisticamente relacionadas, e este é o nome da deusa que simboliza o caos primordial. A quarta semelhança é que em ambos a luz existe antes da criação do sol, da lua e das estrelas. Número cinco, no *Enuma Elish* Marduk fileta o corpo da morta *Tiamat* para formar uma barreira a fim de reter as águas de cima para que não escapem. Ele divide o corpo dela em dois e com uma metade da carcaça cria uma espécie de cobertura ou pele para reter as águas de cima. Em Gênesis 1, o céu é retratado como uma cúpula sólida sobre a terra para manter as águas de cima onde elas pertencem. Número seis, a sequência dos dias da criação é semelhante em ambos os relatos incluindo a criação do firmamento, da terra seca, dos luzeiros e finalmente da humanidade. E finalmente, número sete, tudo é seguido por descanso divino.

Exame dos paralelos

Tenho certeza de que vocês concordariam, à primeira vista, que esta é uma lista impressionante de semelhanças. Mas o problema é que, sob exame mais atento, esses paralelos alegados são frequentemente questionáveis e, em alguns casos, francamente espúrios. Vamos examinar cada um deles. O primeiro, vocês se lembram, era que a matéria existe independentemente do espírito divino. A alegação de que a matéria existe independentemente do espírito divino não é verdadeira no *Enuma Elish*. Ele nem sequer menciona o espírito divino. Ele simplesmente começa com estes dois deuses associados às águas primordiais. Nem esta afirmação é claramente verdadeira de Gênesis porque em Gênesis já se disse que Deus, no versículo 1, criou os céus e a terra: “No princípio.” Enns está evidentemente pensando que a criação começa com o versículo 3, mas temos argumentado que a criação começa com o versículo 1. O versículo 1 é uma oração independente e, além disso, não é simplesmente um título do capítulo inteiro. Por quê? Bem, por uma razão: o primeiro versículo está conectado ao versículo 2 pela conjunção “e,” ou, no hebraico, *vav*.

Assim, não é simplesmente um título; é uma oração independente seguida por “e” e pelo segundo versículo. Além disso, se fosse um título do capítulo, seria um resumo impreciso porque o capítulo subsequente não, de fato, descreve a criação da terra. O versículo 1 diz: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” mas no versículo 2 a terra já está ali! A terra era sem forma e vazia, etc., etc. Assim, se isto fosse um título, é impreciso porque o capítulo não descreve a criação da terra. Assim, a criação, penso eu, em Gênesis começa com o versículo 1, e portanto é simplesmente falso dizer que a matéria existe independentemente do Espírito de Deus. E quanto ao número dois? Esse era que as trevas precedem a criação. Bem, aqui é exatamente o mesmo problema. Se a criação começa com o versículo 1 e não com o versículo 3 então é falso que as trevas precedem a criação porque a criação começa quando Deus criou os

céus e a terra no princípio. Como se isto não fosse ruim o bastante, ainda pior, no Enuma Elish as trevas nem sequer são mencionadas, de modo que o paralelo é completamente espúrio. O Enuma Elish nada diz sobre trevas existirem no princípio.

O número três é que a palavra hebraica *tehom* ou “o abismo” é linguisticamente relacionada a Tiamat. Ora, isto é declarado de modo muito enganoso. Tiamat e *tehom* não são derivadas uma da outra. Você não pode mostrar que a palavra *tehom* é derivada da palavra acádica Tiamat. Antes, visto que o acádio e o hebraico são ambas línguas semíticas, ambas estas palavras remontam independentemente a uma palavra-raiz semítica. Assim, sim, elas são linguisticamente relacionadas. Isso é verdade. Mas elas não são linguisticamente relacionadas no sentido de serem derivadas uma da outra. Elas são independentes desta palavra semítica anterior. Além disso, “o abismo” é completamente diferente no relato de Gênesis das águas no Enuma Elish. Já vimos este ponto em nosso estudo dos mitos egípcios. O que é descrito em Gênesis é um oceano terreno. É um oceano sobre a face da terra, ao passo que no Enuma Elish o que temos é uma espécie de substância divina primordial associada a este deus e a esta deusa. E isto é anterior à existência da terra, e algo que dá à luz os outros deuses. Assim, é bem diferente do que você tem em Gênesis.

Número quatro, a luz existe antes da criação do sol, da lua, e das estrelas. Isto seria uma característica tão nova, penso eu, da narrativa que seria impressionante como paralelo se isso fosse verdadeiro. Mas, de fato, no Enuma Elish Marduk não cria a luz antes de criar o sol, a lua e as estrelas. O que é verdade é que os eventos primordiais no Enuma Elish não acontecem no escuro. Isso é verdade. Mas tampouco acontecem no domínio terreno. Em contraste com Gênesis (que descreve o domínio terreno), o Enuma Elish começa com a descrição do domínio divino – o domínio dos deuses. E é verdade que eles não estão andando no escuro no domínio dos deuses. Ali você tem dia e noite no domínio deles. Mas isto não é uma descrição do domínio terreno, e portanto é simplesmente irrelevante para quando a luz passa a existir na terra. E quanto ao número cinco – que Marduk fileta o corpo da morta Tiamat para formar uma barreira a fim de impedir que as águas de cima escapem enquanto Gênesis retrata o céu como uma cúpula sólida para manter as águas onde elas pertencem? Isto é, na verdade, um ponto de contraste entre as duas narrativas!

Em uma você tem este cadáver dissecado que é estendido sobre o céu, ao passo que em Gênesis você tem um firmamento no qual as estrelas e o sol e a lua são colocados. Isto é completamente diferente. E isto é totalmente à parte do fato de que Gênesis não retrata o firmamento como uma cúpula sólida. Isso é ler nas entrelinhas. Não está em Gênesis. E quanto ao número seis – a sequência dos dias da criação é semelhante? Novamente, esta alegação está equivocada porque não há sequência de dias da criação no Enuma Elish. Não há nenhuma sequência de dias da criação. Quanto à ordem dos eventos no Enuma Elish, Marduk primeiro cria os céus estendendo a pele de Tiamat para reter as águas. Então ele cria as moradas para os vários deuses. Então ele cria as constelações, e então a lua, que era tão importante para a astronomia e a marcação do tempo babilônicas. Então ele cria as nuvens e tempestades de chuva. Então ele cria os rios Eufrates e Tigre, e então as montanhas e as fontes. Então ele cria o que é chamado de o grande vínculo cósmico (seja lá o que for isso) e os suportes dos céus. E então ele terminou.

A criação dos homens como escravos para os deuses é um incidente posterior relatado depois da história da criação de Babilônia. Assim, isto dificilmente é semelhante à sequência de eventos em Gênesis 1, penso que vocês concordariam. Finalmente, e quanto à última semelhança alegada de que tudo é seguido por descanso divino? Isso é verdade? Não, não é verdade. Marduk não descansa depois que essas obras são realizadas. Em vez disso, diz que ele prende cordas-guia e as entrega ao deus Ea enquanto vai ao deus Anu. A única vez em que Marduk descansa é imediatamente depois de matar Tiamat antes de empreender as obras criativas recém-mencionadas. Assim, o momento em que ele descansa é anterior à criação, não depois dela. Ele mata Tiamat, então descansa e examina o corpo morto dela, e então começa a obra de criar os céus e as constelações, as montanhas e os rios, e assim por diante.

A leitura dos relatos como totalidades

Quando você olha para isto, não consegue deixar de se perguntar como Peter Enns pôde ter lido tão gravemente mal o Enuma Elish. Tenho advertido nesta aula sobre os perigos da paralelomania – quão difícil é mostrar dependência ou empréstimo de uma peça de literatura sobre outra. Mas visto que homens se precipitam onde anjos temem pisar, permitam-me arriscar um palpite sobre onde Peter Enns obteve esta ideia dessas semelhanças entre Enuma Elish e Gênesis. Parece que Enns simplesmente seguiu o livro de Alexander Heidel chamado *The Babylonian Genesis*. *The Babylonian Genesis* tem sido um dos livros tradicionalmente mais influentes sobre o Enuma Elish e a interpretação de Gênesis, publicado em 1961. *The Babylonian Genesis* de Alexander Heidel. Se você olhar na página 129 desse livro encontrará uma tabela na qual estas mesmas semelhanças são listadas por Alexander Heidel. Eu pensei comigo mesmo: bem, agora, espere um minuto. Se estas realmente fossem semelhanças comumente aceitas talvez seja apenas uma coincidência que Enns percebesse as mesmas semelhanças que Alexander Heidel percebeu. Mas aqui está a questão.

Enns reproduz os erros na lista de Heidel como as trevas serem anteriores à criação ou o descanso divino depois da criação. No Enuma Elish não há trevas primordiais, e Heidel admite isso na página 101 – que isso não é parte do mito da criação. Assim, o fato de que os próprios erros na tabela de Heidel são reproduzidos por Enns me faz pensar, ou suspeitar, que ele simplesmente tomou emprestada a tabela de Heidel e reproduziu estas alegadas semelhanças. E notei há muito pouco tempo, lendo o livro de Richard Clifton sobre Gênesis, que ele faz exatamente a mesma alegação com respeito ao conhecido comentarista do livro de Gênesis, E. A. Speiser. Isto é o que Clifton diz: “Speiser simplesmente adotou no Enuma Elish e em Gênesis 1, supondo que ela provasse empréstimo. Mas, de fato, diz Clifton, “a sequência de eventos nas duas obras são [sic] não verdadeiramente paralelas.” Assim, a mesma crítica que estou exercendo contra Enns e Sparks já foi enunciada com respeito a Speiser por Clifton.

Heidel, em seu livro, admite: “as divergências são muito mais abrangentes e significativas do que as semelhanças, a maioria das quais não é mais próxima do que deveríamos esperar encontrar em quaisquer duas versões de criação mais ou menos completas... que poderiam vir de partes inteiramente diferentes do mundo e que poderiam ser totalmente não relacionadas uma à outra.” Isto se dá porque, como ele diz, “ambas teriam de explicar os mesmos fenômenos e visto que as mentes humanas pensam segundo linhas muito semelhantes.” Assim, o próprio Heidel reconhece que as semelhanças alegadas entre o Enuma Elish e Gênesis 1 não são nada mais do que aquilo que você poderia encontrar entre uma história da criação na América do Sul

e outra nas ilhas do Pacífico Sul. Enns reconhece que as histórias babilônica e bíblica têm muitas diferenças significativas, sugerindo que algo além de simples empréstimo ocorreu, mas, não obstante, ele ainda permanece culpado de alegar paralelos com base em listar elementos isolados das narrativas sem consideração do contexto. Eles são simplesmente listados sem qualquer consideração do contexto em que ocorrem e, portanto, são pouco mais do que seleção conveniente.

Quando os dois relatos são lidos como totalidades, estão longe de ser paralelos. O Enuma Elish, de fato, é caracterizado apenas impropriamente como um épico babilônico da criação. Ele realmente não é. O que ele é é um panegírico do deus Marduk. É a história da exaltação de Marduk sobre os outros deuses babilônicos e de como ele se tornou o deus supremo. Ele não é de modo algum um Gênesis Babilônico. Portanto, a maioria dos estudiosos hoje não considera mais o Enuma Elish relevante de qualquer modo direto para Gênesis 1. W. G. Lambert é um assiriólogo muito altamente respeitado; isto é, ele estuda a literatura da antiga Mesopotâmia. Lambert diz que: "o Enuma Elish não é uma norma da cosmologia babilônica ou suméria. É uma combinação sectária e aberrante de fios mitológicos tecidos em um compositum sem paralelo. Em minha opinião, não é anterior a 1100 a.C.... As várias tradições de que ele se vale são frequentemente pervertidas a tal ponto que conclusões baseadas somente neste texto são suspeitas. Ele só pode ser usado com segurança no contexto inteiro da mitologia mesopotâmica antiga." Alguma dúvida ou comentário sobre a relevância do Enuma Elish para a narrativa da criação?

Discussão e oração final

Aluno: O senhor disse que ele não é o Gênesis Babilônico, mas, antes, é o quê? Dr. Craig: Eu disse que é um panegírico para Marduk. É uma espécie de louvor a Marduk sobre sua supremacia e como ele alcançou a supremacia. Isso é o que ele realmente é. Aluno: Retomando o que Heidel disse, se você aceita que Homo sapiens veio a existir em um número relativamente pequeno e geograficamente próximo bem no princípio (isto é, Adão e Eva) e eles estavam cientes, por meio de revelação divina, das origens de seu ser (estou apenas especulando aqui agora) parece-me que seria mais provável que houvesse histórias semelhantes à medida que a humanidade se dispersou por diferentes partes do mundo, não necessariamente que os hebreus tomaram emprestado de outros. Mas não seria então, se fosse conhecimento da criação real do mundo – a história da criação – parece-me que estas outras histórias são... na verdade é o contrário. Elas estão lembrando variações do que pode ser o que seus antepassados disseram verbalmente. Por que é sempre que a Bíblia ou os hebreus são os que tomam emprestado em vez de ser o contrário?

Dr. Craig: Deparamo-nos com a mesma questão quando falamos sobre a Epopeia de Gilgamesh e a narrativa do dilúvio, se vocês se lembram, e especulamos se a narrativa do dilúvio em Gilgamesh e a narrativa do dilúvio em Gênesis talvez não derivem ambas independentemente de algum evento anterior. Embora isso seja certamente possível em um caso como o relato da criação, tenho de dizer que elas simplesmente não são tão semelhantes. Essas semelhanças são espúrias. Assim, não vejo nenhuma razão para pensar que estas sejam memórias obscuras da mesma história ou relato original. Elas são simplesmente tão diferentes. Aluno: Em alguma delas? Em quaisquer outros relatos? Dr. Craig: Examinei aqueles que são causalmente mais relevantes para Gênesis, que são geralmente discutidos na literatura, e esses seriam os

mesopotâmicos e egípcios. Não penso que precisemos examinar, digamos, a mitologia grega ou a mitologia nórdica embora vocês talvez se lembrem de que, quando ampliamos nosso levantamento para incluir outros mitos ao redor do mundo, encontramos motivos comuns em mitos indígenas norte-americanos e sul-americanos da criação que envolviam trevas e água primordial.

Exatamente como Heidel disse, estes são elementos que poderiam ser encontrados em histórias completamente não relacionadas. Assim, vocês estão realmente apenas no domínio da especulação aqui, e eu diria que, ao menos com respeito a estas histórias, os paralelos alegados são a visão distorcida da paralelomania da qual alguns desses estudiosos estão sofrendo, em vez de indicações genuínas quer de empréstimo, quer de derivação de uma fonte comum. Então encerremos com uma palavra de oração, certo? Nosso Pai no céu, obrigado pelo tempo que passamos juntos em Defenders, e oramos para que, à medida que este podcast seja disseminado por todo o mundo, que tu o uses para encorajar pessoas que estudam as narrativas da criação de Gênesis e se perguntam sobre sua derivação. E assim agora, Senhor, entregamos nossas vidas a ti ao sairmos para a semana de trabalho e oramos para que aquilo que fazemos e pensamos e dizemos seja glorificante para Jesus Cristo, e que tu nos enchas com o Espírito Santo e nos capacites a viver vidas que sejam agradáveis e irrepreensíveis aos teus olhos. Em nome dele. Pedimos isto. Amém.

Referências

Peter Enns, *The Evolution of Adam* (2012), citado no corpo da aula.

Kenton Sparks, contribuição em *Genesis: History, Fiction, or Neither?* (2015), mencionada no corpo da aula.

Alexander Heidel, *The Babylonian Genesis: The Story of Creation*, 2ª ed. (Chicago: University of Chicago Press, 1961), p. 101, 129-130.

Richard J. Clifford, *Creation Accounts in the Ancient Near East and in the Bible*, Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 26 (Washington, D.C.: The Catholic Biblical Association of America, 1994), p. 140.

W. G. Lambert, 'A New Look at the Babylonian Background of Genesis', *Journal of Theological Studies* 16/2 (1965), p. 291; 'Mesopotamian Creation Stories', em *Imagining Creation*, organização de Markham J. Geller e Mineke Schipper, *IJS Studies in Judaica* 5 (Brill, 2008), p. 15-59.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-13/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-13/>